

Peva é terra ancestral, pré-histórica, onde o viver humano foi primitivo. Rodeada de montes e vales passíveis de contemplação na sua nudez e silêncio, a sua situação orográfica é serrana. As manhãs álgidas agitadas na aurora pela fauna avícola, o casario disposto ao jeito arcaico, o viver austero, os acontecimentos comezinhos do quotidiano vivenciados pelo vulgo como se o privado não existisse, fazem fulgurar na consciência tempos remotos, perenes, assim mantidos *mutatis mutandis*.

Píncaros desabridos, sedosos mantos com plainos de verduras, fragedos extáticos que parecem apossados de uma cristã benignidade, nevoeiros espessos como fuligens de queimadas, outeiros onde rincha o Noroeste num franco e ledor rir, árvores pluricentenares, cursos cristalinos onde deambula o Paiva do nascente para o poente, fazem destas paisagens uma grandeza sumptuosa, telúrica, poética, típica, bucólica. E se os olhos se rebalsam nesta serena onda natural, não menos o olfato se deleita nos eflúvios do passado quando fareja os ecos, as memórias, as reminiscências nos avelhentados pergaminhos, no epistolário dos pretéritos.

Hoje sede de freguesia, Peva já fez parte de um concelho que integrava Soutosa e Pera (hoje Peravelha). A rivalidade entre Pera e Peva, que reclamavam para si a sede do concelho fez com que ele se designasse de Pera e Peva, sendo a sede no entanto, para sanar o diferendo, em Soutosa.

Consta na *Grande Enciclopédia Portuguesa* que D. Dinis terá outorgado foral ao extinto concelho de Pera e Peva e que esse diploma terá existido na Câmara Municipal de Moimenta. Não há hoje rasto deste documento. Terá essa publicação feito confusão desse putativo documento com um outro foral, esse sim existente na aludida instituição, conferido por D. Manuel I ao concelho de Pera e Peva? É crível.

Peva, como também Pera, advém de *Pena*, relacionando-se por conseguinte com a sua situação geográfica serrana de grande altitude e ainda com as robustas penedias que aí abundam. Peva já pertenceu ao célebre e enorme Couto de Leomil, presumivelmente por casamento de uma D. Maior Pais com D. Egas Garcia, de Leomil. Teve feira de gado bovino e de cereais (que aí abundavam e eram transformados nos seus moinhos) no primeiro Domingo de cada mês. Santo Antão, padroeiro dos porcos de seba, é aqui venerado em Janeiro. Tem-lhe um templo dedicado, com fachada tipicamente beiroa e torre sineira, que em tempos remotos era administrado por um mordomo. Dele emerge uma portentosa escadaria e ao fundo tem um cruzeiro granítico de considerável valor artístico, semelhante a um outro existente em Soutosa. No século XVIII dirigiam-se para aqui procissões de Barrelas, Alhais, Ariz, Fráguas e Pera.

O relato paroquial de 1758 asseverava que a freguesia era da invocação de N. Senhora da Assunção, apesar de nessa altura a igreja já ter um altar dedicado a Santo António, sendo os outros o altar-mor, o da padroeira e o do Santo Cristo. Tinha uma irmandade de N. Senhora dos Prazeres.

Além de possuir um património arquitectónico importante, Peva tem alguns espécimes artísticos móveis de elevado valor, nomeadamente uma cruz paroquial que a tradição oral diz ter pertencido a Sendim, tendo sido trocada numa romaria da Lapa. Acresce-lhes uma sepultura antropomórfica escavada na rocha, bastante deteriorada, do período medievo, no sítio da Portela, e outra no lugar de *Um Santo* em S. Martinho.

A religiosidade antiga de Peva não se define nem compreende na arte, cruzando-se ainda com uma figura aí nata. Em 10 de Junho de 1705 despontou para a vida, nesta terra, um famoso jesuíta. Francisco Gomes se chamava. Fez-se integrante da Companhia de Jesus em Coimbra no ano de 1722 e na cidade do Mondego estudou Filosofia. Em Évora cursou Teologia vindo a tornar-se professor na Ilha de S. Miguel, na Lapa, em Évora, em Bragança, no Porto e em Braga. Falecer em Itália, em Castel Gandolfo, em 19 de Agosto de 1771.

Cancha aqui, cancha além, por entre veredas que nos livram de regueiras e veios que traçam e retraçam os campos de pascigo e as vessadas de arroteio, encontramos Soutosa. Sobranceira à serra, mantém o encanto e a graça de outros tempos. Aqui, tanto nos baixios plainos, como nas cristas pedregosas, a beleza natural e artística comungam da mesma malga.

Se o vocábulo Soutosa deriva de *Saltuosa* como alusão a *lugar coberto de bosques* não se pode comprovar, mas é crível. Encabritados caminhos guardados pelo arvoredor por onde se espraia a pulsação dos ventos há-os hoje aí com abundância. Montículos toldados de selvajaria vegetal há-os ainda também nesta terra com abundância. Corgos, merouços de tojos e saganho, cumieiras peladas, giestais e amontoados de caruma, são provas irrefutáveis. Mas os visos, nesta terra, excedem o bosquedo. Fitam-se ainda hoje lombas de cascalhos, lajedos com uma fria samarra já gasta pelos manguais, tapadas de centeio, sortes por onde medram mimos pujantes, lenteiros de feno, rolos de água cambaleantes, combarros e quintãs.

Algum casario e a disposição das vielas ainda mantêm uma traça tradicional. Abunda o granito beirão. Duro como os cornos, só duvida quem não pregou já com as ventas em qualquer esquina. Os ares, quando é altura disso, enchem-se de trovas do passaredo, vivaça maneira de brindar a presença de quem não arreda pé deste lugar, sentindo-se as reverberações desse afecto. Verbosa adjectivação terá que estar sempre no encaço das alusões a este lugar. Não são imarcescíveis os ecos da cultura beiroa que aqui encontramos? Telas vivas; máquinas do tempo em rebobina; eras passadas que se aproximam; tempos distantes em comunhão!

Soutosa é lugar cuja idade se perde nas profundezas da cronologia. Atestam-no, por exemplo, as sepulturas escavadas na rocha, antropomórficas ou não, que aí ainda existem, designadamente oito no lugar do *Casal dos Moiros*, junto ao Paiva, e quatro nos *Covais*. Em 1213 já Soutosa aparece nomeada como povoação, designadamente num documento de doação ao Mosteiro de S. João de Tarouca. Menções do mesmo género repetem-se a partir de então, nomeadamente em 1309, num documento de venda de um casal aí localizado.

Em 1527 já Soutosa pertencia e era aliás cabeça do concelho de Pera e Peva. Era uma terra modesta, tinha então 25 habitações. Aí se encontravam os espaços da administração municipal do concelho. O concelho de que era sede tinha juizes ordinários, vereadores e os restantes oficiais que era comum as Câmaras terem, como consta do foral que lhe foi atribuído por D. Manuel I. Tinha ainda duas companhias de ordenança (unidades militares). Mais de duzentos anos depois ainda Pera lhe pertencia, de acordo com um documento escrito em 1758 pelo cura Manuel Francisco de Almeida. O espaço geofísico do lugar e o quadro humano mantiveram-se relativamente estáveis, sem grandes mutações. Em 1981 viviam nos seus limiares 272 pessoas.

Há bem pouco tempo existia ainda em Soutosa a casa da cadeia, convertida em loja para animais; a Casa da Roda e o Outeiro da Forca, símbolos da soberania municipal do passado. A casa da Câmara, também aí localizada, foi vendida em hasta pública em 1859 por 24 mil réis. Tinha uma praça com pelourinho cujo paradeiro se desconhece.

Uma derradeira referência para sublinhar que esta terra serviu de morada ao celeberrimo Aquilino, inspirando-o em muitas das linhas que aí escreveu. A casa onde se acoitou é hoje sede de fundação e museu.

Por tudo o exposto esta é uma Terra, enfim, onde se devem colocar pés ledos e não lestos, que permitam uma cabal contemplação de todos os encantos que ela tem para oferecer.